

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade em Diferentes Setores

**LEVANTAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DA ARQUITETURA URBANA DE IJUÍ
CONSTRUÍDA ENTRE OS ANOS DE 1890 E 1960: INVENTÁRIO PARA A
SUSTENTABILIDADE DA CIDADE**

**SURVEY AND IDENTIFICATION OF IJUÍ'S URBAN ARCHITECTURE BUILT
THROUGH THE YEARS 1890 AND 1960: INVENTORY FOR A SUSTAINABLE
CITY**

Claúdio Renato de Camargo Mello e Denise de Souza Saad

RESUMO

Atualmente, com um maior enfoque e necessidade de um desenvolvimento sustentável, vários aspectos da cidade devem ser avaliados, dentre deles o seu Patrimônio Edificado, que pode colaborar para o crescimento econômico de uma região, principalmente embasado no turismo. Por ser a arquitetura gaúcha ainda hoje uma temática pouco estudada, faz-se necessário um levantamento das edificações de vários municípios do estado visando uma interface entre a cultura e ambiente sustentável. Dentre estes municípios, Ijuí demonstra conter um precioso acervo a ser conhecido e analisado. O presente trabalho tem por objetivo ampliar os conhecimentos referentes à arquitetura urbana na cidade de Ijuí no Rio Grande do Sul. Para tanto foram selecionadas vinte edificações para serem analisadas, de 1890 a 1960, desde a data da fundação da Colônia de Ijuhy, até o período que compreende o movimento modernista na arquitetura brasileira. A partir do mapeamento de alguns exemplares significativos, espera-se dar início a um processo que nos conduza a um futuro inventário sustentável para o município de Ijuí, na busca do elo existente entre a cidade e sua evolução histórica, onde a preservação da paisagem urbana seja vista como um bem representante das raízes da identidade cultural desta população.

Palavras-chave: Arquitetura, Preservação, Inventário, Sustentabilidade.

ABSTRACT

Nowadays, more focus and need for sustainable development is necessary, various aspects of the city should be evaluated, among them its Built Heritage, which may contribute to the economic growth of a region, mainly based in the tourism. Because of Rio Grande do Sul Architecture still a subject little studied, it is necessary to know the buildings of cities looking for an interface between culture and sustainable environment. Among these cities, Ijuí contains a valuable collection of buildings to be known and analyzed. The present paper aims to increase knowledge relating to the urban architecture at Ijuí city, in Rio Grande do Sul. Therefore, we selected twenty buildings to be analyzed, from 1890 to 1960, since the founding of the Colony Ijuhy until the period with includes the Brazilian modernist movement in architecture. From the mapping of some significant samples, it is expected to initiate a process that will lead to a sustainable future inventory for the city of Ijuí, looking for the link between the city and its historical evolution, where the preservation of the urban landscape is seen as a good representative of the roots of the cultural identity of this population.

Keywords: Architecture, Preservation, Inventory, Sustainability.

1. INTRODUÇÃO

A presente investigação privilegia o patrimônio arquitetônico e define uma região específica do Rio Grande do Sul. Polarizada pelo atual município de Ijuí, a região pesquisada localiza-se no setor noroeste deste Estado, e sua colonização teve início a partir de 1878, por meio de imigrantes que reemigraram de outras colônias.

A Colônia de Ijuí, fundada em 1890 por iniciativa do governo estadual, na orla inferior da floresta subtropical do planalto, entre os campos de Cruz Alta, Santo Ângelo, Tupanciretã e Palmeira das Missões, significou o início da ocupação das últimas áreas disponíveis no Rio Grande do Sul, para onde eram enviados imigrantes recém chegados da Europa: alemães, teuto-russos, poloneses, italianos, letos, austríacos, húngaros, suecos, franceses, espanhóis, e, pouco depois, uma geração moça, excedente das “colônias velhas”, isto é, das áreas ocupadas inicialmente por alemães e italianos a partir de São Leopoldo e Caxias do Sul (Marques, 1990).

Nesta perspectiva, Ijuí caracteriza-se pela sua diversidade étnica, social e religiosa, expressa na origem de seus habitantes, onde a evolução da arquitetura no processo histórico revela em que condições – políticas, econômicas e sociais – a distribuição do espaço ocorreu, bem como reflete a arquitetura produzida no período estudado, apresentando características estilísticas predominantes na Europa.

A arquitetura foi expressão de progresso e instrumento para a modernização durante os períodos Colonial, Imperial e Republicano. Contou com o apoio dos governantes - a partir de 1808, com o rei de Portugal, dom João VI, prosseguindo com os imperadores dom Pedro I e dom Pedro II e, mais tarde, desde o ditador Getúlio Vargas até o presidente Juscelino Kubitschek. Mereceu também o apoio de intelectuais e artistas que atuaram na Semana de Arte Moderna, em 1922, no Salão de 31, no Cinema Novo, em 1960, e na resistência à ditadura militar, nas décadas de 70 e 80 (Guimaraens, 2005).

A importância do papel da ocupação holandesa na formação das cidades do Recife e São Luís, no século XVIII, foi o germe das condições e das principais origens da modernidade na configuração do espaço físico-político brasileiro, consolidando, no século XIX, as propostas da Missão Francesa. Até o final da década de 20 a Escola Nacional de Belas Artes e os arquitetos estão às voltas com o neocolonial como alternativa à importação de modelos estilísticos do passado.

A chegada da Missão Artística Francesa ao Brasil, durante o século XIX, deu as feições neoclássicas às residências particulares e aos edifícios públicos. Ao final deste mesmo século, o predomínio do ecletismo na persistência simultânea dos modelos coloniais, neoclássicos e no Art Nouveau, representados nos arquitetos Victor Dubugras e Carlos Eckman. Desta forma, o ecletismo consolida sua posição como linguagem adequada da expressão da época, visto que, seguindo as vanguardas européias, renovou a cidade e a arquitetura do século XIX.

O arquiteto Weimer (1987) alerta para o fato de que “como o conceito de ecletismo abarca, indistintamente, qualquer linguagem estilística do passado, sua abrangência torna-se demasiado ampla. Delimita um contorno mas não explicita o conteúdo.[...]Se na Europa houve uma evolução linear que levou o que eles chamam de ecletismo, aqui se manifestou como uma enxurrada de tendências assistemáticas e contraditórias. Se a teoria foi a mesma, o contexto no qual ela germinou e frutificou foi totalmente diverso. Assim, se [...] substituíssemos a palavra ecletismo por historicismo, em cujas adjetivações (classicista, goticista, etc.) poderiam ser definidos melhor os conteúdos dominantes [...] seria apenas a substituição de um rótulo por outro [...] é mais importante nos preocuparmos com o processo do que com os resultados”.

Na década de 20, com o arquiteto russo Gregori Warchavchik e com o arquiteto brasileiro Rino Levi, chegaram ao Brasil as concepções arquitetônicas mais avançadas do século XX.

Contratado para trabalhar em São Paulo, no final da década de 20, pelo grupo Simonsen, Warchavchik projetou e construiu a Casa Modernista – marco inicial das transformações. “Cem anos após a proclamação da independência, a Semana de Arte Moderna soou como uma nova proclamação. [...] Ao combater os velhos preconceitos e o ecletismo dominante, através de uma ousada exposição de pinturas e de esculturas de vanguarda, e de uma série de conferências e recitais de dança e música realizados no imponente Teatro Municipal de São Paulo, anunciou alto e bom som, ‘o espírito dos novos tempos’. Mas apesar de tudo a Semana era também uma importação européia. [...] De toda forma, a Semana de Arte Moderna trouxe consigo o germe de um autêntico renascimento que, com o tempo, iria estabelecer uma relação com os mais altos valores da vida brasileira, com as fontes do passado, com a terra e com o povo” (Mindlin, 2000).

Miranda (2005) destaca que a arquitetura moderna é a expressão visível da unidade entre a arte, a ciência e a indústria. A novidade do movimento moderno residiu no uso dos novos materiais de técnicas de construção tornadas disponíveis pelo desenvolvimento industrial [...]. Se o modernismo é parte e reflexo do avanço científico e tecnológico, da era do ferro, do aço e das telecomunicações, a arquitetura é a área da produção cultural em que arte e técnica - modernismo e modernidade - são obrigadas a se unir.

Canez (1998) elucida que a arquitetura erudita brasileira, produzida a partir da década de trinta, época da ascensão de Getúlio Vargas à presidência e transição de dois grandes ciclos – da República Velha à Nova –, atravessou um período de extraordinários acontecimentos que se desencadearam alicerçados pela influência modernista européia. Este modernismo se apoiava em conceitos identificados com mudanças sociais, conquistas tecnológicas e com vontade estética emergente. Entretanto as inovações transladadas do contexto europeu ao contexto brasileiro suscitaram novas respostas, dadas as particularidades de nossa cultura e dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais do momento. Os estudos sobre a arquitetura moderna desenvolvida em torno e a partir da década de trinta não são poucos, principalmente tratando-se da arquitetura paulista e carioca, em parte para preconizar e desenvolver este processo, porém deixaram em aberto estudos pormenorizados da arquitetura moderna gaúcha como importantes manifestações da arquitetura brasileira e merecedoras também de atenção.

Especificamente ao nosso objeto de estudo, Lazzarotto (2002) assinala que “o início da colonização de Ijuí foi orientado pelo engenheiro José Manuel da Siqueira Couto, que era chefe da Comissão de Terras de Silveira Martins. [...] O primeiro relatório de Augusto Pestana foi o de 1899, no entanto, o de 1900 apresenta dados do 2º recenseamento realizado em Ijuí. Relativamente as edificações, este autor relata que de acordo com o referido relatório, [...]o estado possuía cinco prédios: a casa do escritório, a escola, o barracão, a casa do farmacêutico e a do médico. Em bom estado só o barracão, reconstruído em 1899, e a escola, que foi reformada. Duas casas serviram de templos provisórios para católicos e evangélicos. Na área urbana havia 65 casas de alvenaria e 72 de tábuas (estando em construção 11 de alvenaria e quatro de tábuas), enquanto nos lotes rústicos havia 858 casas de tábuas, 31 de alvenaria e 153 de pau-a-pique.

A partir deste contexto, pretende-se interpretar, a partir de uma análise compositiva, a arquitetura do município de Ijuí, relacionando suas características estéticas e funcionais aos diferentes períodos em que foi produzida, com vistas à realização de um inventário como instrumento de política urbana, que objetive a sustentabilidade da cidade, servindo de ferramenta para a política de preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído. Nesta direção, considerando-se que o meio natural físico-ambiental em que a sociedade vive, molda seus costumes e referências.

2. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza o município de Ijuí, nos aspectos relacionados à contextualização histórica e produção arquitetônica. Nesta direção, o recorte se dá em um período de setenta anos – de 1890 a 1960, desde a data da fundação da Colônia de Ijuhy, até o período que compreende o movimento modernista na arquitetura brasileira. A delimitação deste período justifica-se pelo fato de que nele encontra-se a maioria dos exemplares arquitetônicos do município que devem ser preservados, com características marcantes da arquitetura Eclética, Art Déco e Moderna (especialmente do primeiro modernismo).

A proposta metodológica divide o trabalho de pesquisa em etapas bem caracterizadas, que incluem a revisão bibliográfica, a elaboração de listagem dos edifícios selecionados – com seus respectivos endereço, uso e ano de construção; o levantamento fotográfico (geral e de detalhes) e o levantamento físico das edificações selecionadas (medição com trena); a graficação do projeto arquitetônico (plantas de situação e localização, plantas baixas, cortes e fachadas), por meio de programas computacionais específicos para desenho em arquitetura: AutoCad, Arqui_3D, entre outros.

Paralelamente aos levantamentos será feito o estudo da bibliografia arquitetônica e histórica relacionada à temática abordada pela pesquisa, com vistas à confecção de fichamentos e análise dos dados teóricos e técnicos levantados. Também deverão ser definidos eixos temáticos definindo temas fundamentais para a sustentabilidade da cidade, estabelecendo indicadores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os bens materiais e imateriais muitas vezes deixam de ter o devido reconhecimento por parte da sociedade pela falta de conhecimento do valor dos mesmos, nos impedindo até de zelar por sua preservação. Nesse sentido, a análise e discussão dos resultados envolverá a interpretação e análise dos dados tabulados e organizados anteriormente, com vistas a realização de um inventário do patrimônio histórico-cultural de Ijuí, bem como a implementação de ações no âmbito da educação patrimonial e de políticas que assegurem a continuidade dos elementos vitais para a sociedade, que tenha como uma das metas a melhoria da qualidade de vida e acima de tudo que tenha a participação da população.

Neste contexto, entende-se que a Carta de Leipzig sobre Cidades Europeias Sustentáveis, de maio de 2007, e mesmo a futura carta de intenções a partir da Rio+20, devem ser consideradas em suas recomendações, a fim de que se tenha maiores recursos a abordagens de políticas de desenvolvimento urbano integrado.

A identificação, a classificação e o cadastramento do patrimônio artístico e arquitetônico localizado, em grande número, no centro geográfico do município de Ijuí, buscam suprir uma lacuna no conhecimento sobre o patrimônio da cidade e da região.

A partir do mapeamento de alguns exemplares significativos, espera-se dar início a um processo que nos conduza a um futuro inventário da arquitetura Ijuicense, na busca do elo existente entre a cidade e sua evolução histórica, onde a preservação da paisagem urbana seja considerada de maneira sustentável e como um bem representante das raízes da identidade cultural desta população.

4. CONCLUSÃO

Ao considerar-se a arquitetura produzida entre os anos de 1890 e 1960, verifica-se que a arquitetura brasileira desenvolveu-se em meio a um complexo processo cultural, e os arquitetos imigrantes e brasileiros sempre contribuíram para a ruptura das formas e estilos consagrados.

Ainda que os exemplares de arquitetura selecionados apresentem características de estilo

predominantes na Europa, percebe-se nos mesmos alguns traços vernaculares fortalecendo ainda mais a idéia de que as ações de preservação, além de estabelecer diretrizes de planejamento ressaltam os bens considerados importantes para a constituição da identidade de um povo.

Por fim, considerando a dinâmica das transformações espaciais da cidade, evidenciadas também pela diversidade estilística de suas edificações, torna-se também urgente a adoção de ações educacionais voltadas para o uso e a apropriação dos bens culturais que compõe o patrimônio cultural, bem como trata-se de reverter o atual modelo de cidade, integrando-a aos instrumentos de gestão urbanística, considerando-se princípios da sustentabilidade, dentro de uma nova perspectiva para o planejamento ambiental voltado à soluções de problemas de exclusão social, mobilidade urbana, mudanças climáticas, entre outros.

REFERÊNCIAS

- Canez, A.P. Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: UE/Porto Alegre/Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998. p. 16.
- Guimaraens, C. Disponível em <www.mre.gov.br>. Acesso em: 29 abril 2005.
- Lazazzarott, D. História de Ijuí. Ijuí: Unijuí, 2002. pp. 73-7.
- Marques, M. O. Grzybowski, L.C. História Visual da Formação de Ijuí, Rio Grande do Sul. Ijuí: Unijuí, 1990. p. 9-10.
- Miranda, S. M. Cataguases: Um olhar sobre a modernidade. Disponível em <www.tratosculturais.com.br>. Acesso em: 24 abril 2005.
- Mindlin, H.E. Arquitetura Moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora/IPHAN, 2000. p. 25-6.
- Weimer, G. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul, in FABRIS, Annateresa (org.). Eclétismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel, 1987. p. 258.